

# O Mosquito

REDACÇÃO. 70 RUA DO OUVIDOR 70



DE VOLTA NA PROCISSÃO DE CORPUS.

— Foi muito boa figura na procissão! Não havia lá comendador mais saciado que eu!...



Agradecemos a offerta de exemplares das seguintes publicações, que nos foram bondosamente enviados:

AO SR VEREDIANO CARVALHO—os *Calculos Commercialaes, regras practicas*. Vem a proposito, porque andamos com calculos que nos atrapalham soffriavelmente.

AO SR JOAQUIM JOSE TEIXEIRA—os seus *Romanços*. Lemos, gostamos e pedimos bis.

AO SR JOÃO JOSE DO MONTE—*O Direito*, revista mensal de legislação, doutrina e jurisprudencia, correspondente ao mez de junho.

AO GRANDE ORIENTE DO BRAZIL—o seu *Boletim* relativo ao mez de maio.

AO SR F. ALBUQUERQUE—*a Revista de Horticultura*, pertencente ao corrente mez.

AO SR P. DE LERY SANTOS—o n. 5 dos *Contemporaneos do Brazil*.

A' SOCIEDADE DO JOCKEY CLUB—*a sua Revista*.

AOS EDITORES DA BIBLIOTHECA VARIADA—os seus dois fasciculos de poesias.

SR D. DO C.—*Aparte-se* senão—não cabe cá dentro!

## De louça... nem um pires!

Quem passa alli pela rua do Sacramento—rua que os nossos Haussemanns não podem admitir que fique sem *prolongamento*—por força ha de reparar n'um edificio com apparencias de casa rica, estatuas lá por cima, portões de ferro cá por baixo, a guarda á porta. Por uma razão que outr'ora fazia chamar Direita a uma das ruas mais tortas da Côte, chama-se áquelle edificio—o The-souro.

Os baebaques, ao verem aquellas magnificencias e aquelle apparato bellico ficam-se babando só de pensar na dinheirama grossa, que lá dentro está guardada, n'uns cofres de ferro fechados com mais cadeados do que a besta do Apocalypse. Mas quem entende de materias de construção e sabe differenciar o gesso do marmore, logo percebe que aquella scenographia de estuque e *papier-maché* o unico objecto que poderá guardar são alguns cadernos, onde estejam registrados os debitos das impressões que o Sr João Cardoso manda fazer na Typographia Nacional, e os adiantamentos de dinheiros aos compadres dos nossos compadres—banqueiros e sem ser banqueiros—tudo valores, que ao cabo de alguns annos, passam a figurar na verba de *exercícios feitos*.

Dinheiro, alli, é como gotta d'agua no deserto—só de longe em longe. E o que ha de mais particular é que, quando algum apparece, trazido em caixotes vindos de Inglaterra, mal acaba de entrar pela porta, já são todos a atiral-o á rua—pelas janellas.

Nós não nos temos na conta de grandes financeiros. Mas não é necessario saber algebra para comprehender que não tendo nós, já ha annos, um orçamento em que a despesa não seja muito maior do que a receita, estamos em vespuras de um augmento de impostos ou de um augmento da nossa divida.

Ora, vamos lá—a nossa divida já é respeitavel e maior tem de se tornar; porque é preciso não pequena quantia para estradas de ferro, engenhos centraes, e outras obras, que se não fazem com palavras.

Quanto a impostos, ao que parece, não ficamos atraz de ninguém; mesmo que não consideremos que os outros pagam impostos para terem o que precisamos, e nós pagamol-os para nem sequer ter—o que não precisamos.

Todos os dias se ouve dizer—que temos não sei quantos encouraçados e muitos navios de guerra e exercito, e talvez coisas! Vai-se a vêr o nosso exercito—e ha-os maiores em algumas caixas de soldados de chumbo! Pergunta-se pela esquadra, e sabe-se que os encouraçados estão com a espinghela cahida, e que os não encouraçados só podem prestar serviços—nos lagos do Passaio Publico, quando a brisa lhes não encrespa a superficie. E tudo o mais pela mesma toada.

Gasta-se á larga, mas não se sabe em qué. E como nós, se pagamos impostos é para ter direito a certos serviços e a certas garantias, segue-se que somos *comidos por uma perna*, para não dizer « roubados », que é uma palavra feia.

O que ha de mais doloroso em tudo isto é que, individualmente, é difficil encontrar um ministro que metta ãno bolso o dinheiro dos contribuintes. Diga-se a verdade, todos nós temos já tido occasião de dizer, conversando com amigos: « eu só queria ser ministro de tal pasta por tres dias ».

Quasi sempre a *tal pasta* é ou a da Agricultura, ou a da Guerra ou a da Marinha. Alguns querem a da Fazenda, mas são em menor numero, apezar da verba « Diferenças de Cambio ».

Se os ministros, por um engano aliás desculpavel, se abotoassem com alguns massos de notas de quinhentos, teria isso uma explicação plausivel e, em verdade, quem se sentisse sem culpa—nem inveja—que lhes atrisasse a primeira pedra. Mas não, os Srs ministros não *jogam* o *pacas* com os cofres da Nação. Deixam apenas que outros, com toda a subtiliza, se apoderem d'aquelle que devia ser proveitosamente applicado em nosso beneficio.

E deixam, na maior parte dos casos, por itepcia ou pela mais deploravel condescendencia.

Bo.

## GALERIA THEATRAL

(QUINTA SERIE)

### RETRATOS, ESBOÇOS E RESTAURAÇÕES

XIX

JESUINA MONTANI

É talvez o unico exemplar que resta das imagens que adoravam as antigas *cartilhas* do padre Ignacio.

E por isso mesmo encardida e roida pela traça.

O que não é só effeito do tempo, mas tambem das peregrinações em que tem andado.

Na *cartilha* d'onde foi arrancada representava talvez de Magdalena.

Ainda hoje, ponham-lhe uma caveira ao lado, e não representaria outra cousa.

É, pois, uma Magdalena sem caveira.

Sem caveira e sem peccados.

Pois que foi sempre ingenua, e já agora sel-o-ha até morrer.

E de tão ingenua que é, chega a não comprehender as malicias que ha nos ingenuos papeis que representa.

O que se vê na inflexão unisona que a todos elles dá.

Póde-se dizer que é a voroz das ingenuas.

Artista mais conscienciosa e igual não ha.

Ha quarenta annos comprehendia a arte dramatica como a comprehende hoje.

D'aquí a outros quarenta ainda ha de ser a mesma cousa.

Não estuda os seus papeis.

E não os estuda porque não os lê.

Como não os lê porque...

Porque o Sr Hudson ainda não tinha inventado o seu methodo.

O que tudo não tira que os decore.

Decora-os e recita-os como ninguém, sem falta de virgulas, nem de pontos e accentos.

E' entrar em scena, e lá vai como lh'os ensinaram, p a pa, Santa Justa.

Em scena, e mesmo fóra de scena, é macia.

Não será feita de velludo; não o é, com certeza.

Mas é forrada de belbutina.

Passem-lhe a mão, e não de vér.

Mas passem-lhe a mão ao correr do fio.

Se o fizerem contra o pello, arrepia e arranha.

Além dos seus papeis de ingenua, tem uma especialidade nos theatros:

E' não parar em nenhum d'elles.

GRYPHUS.

## FABULA INSTANTANEA

PITADA POLITICA

- Meu Deus! Que cheiro! D'esta vez eu morro!
- D'onde será? Talvez do sotão, prima!
- Cá está o cadáver do cachorro.

A corrupção vem de cima.

PILHA & c.

## O CAÍPIRA

O caso passou-se ha duas ou tres semanas.

Todos devem estar lembrados d'aquelle immenso *post escriptum* que servia de cauda a uma das mais estupidas missivas do *Caipira* mais caipora que o sol aquece.

E' coisa vulgar fazer-se um *post escriptum* para explicar ou acrescentar alguma coisa ao que se escreveu antes; mas fazer-se um *post escriptum* para se fazer má figura, é coisa que só acontece ao Cicero da *decima onzima*.

Em duas ou tres columnas d'aquelle descommunal folhetim, o nosso homem lançou sobre um insignificante jornal dos Estados Unidos a accusação de publicar falsidades e *carapettes*.

Notem bem, o folhetinista do *Jornal* não hesitou em accusar um jornal estrangeiro de falso e charlatão!

Ora se ha folha que não possa arregarhar os dentes para nenhum jornal, e muito mais estrangeiro, é aquella que publica os resultados das loucurações semanaes do mais infeliz dos folhetinistas. E isto por um punhado de razões entre as quaes avulta sem duvida a de falta de competencia.

O *Jornal* está parado, não o impressionam os novos movimentos, apodrece-se como imprensa para se locupletar como mercadoria. Não é uma folha periodica, é uma armazem de *apedidos*, em que tudo se discute e tudo se patenteia.

A sua moral está na razão inversa dos haveres de seus freguezes.

Se houver maneira de disfarçar a maior inconveniencia ella não deixará de ser publicada, por mais immoral que seja.

Isto são verdades que todos reconhecem e que todos pensam mas que ninguém quer dizer. E se nós o fazemos é porque não queremos deixar passar aggressões a folhas ausentes, que lhe deviam servir de modelo, assim como lhe servem para transcripções!

Mas attenda-se bem á logica do grande orgão—o primeiro da America do Sul.

O folhetinista declara em estylo amphibio, que o *New York Herald* é uma folha de *carapettes*.

Emquanto elle declara isso, os mais diligentes *reporters* Tinoco e seus collegas, esforçam-se por obter algumas folhas!

Afinal obtêm um triste e isolado numero, de que algum assignante está agora lamentando a ausencia, e no dia seguinte o grande orgão, por um dos seus maiores caudos publica um extracto da folha que ainda na vespera dizia *cheia de falsidades e de carapettes*! Ora o que devemos julgar d'uma folha que nos impinge *carapettes* com a consciencia de que o...

Tu *Jornal*, estás rico e velho, duas qualidades que são as maiores protectoras da inercia.

Não trabalhas porque és rico, não avanças porque és velho. E para os velhos e ricos ha só uma posição commoda—o repouso.

Descança pois, vive das tuas riquezas e trata de as conservar, o que não será difficil; mas deixa em paz os jornaes dos Estados Unidos, não te importes com elles, encarpita-te no alto da tua omnipotencia; mas por favor, por caridade não desacredites o *New York Herald*, não o desacredites, porque elle coitado, se nunca chegou a ser teu igual é porque tu reunes em ti tudo que ha de bom. Olha, em vez de o desacreditares, condoe-te d'elle, protege-o, diz que é uma folha séria que tu não entendes, e offerece-lhe para redactores—o teu *Caipira* e o teu *Achilles*!

J. DE A.

## O Tunnel para Nitheroy

AOB PASSAGEIROS DAS BARCAS

(Piada em inglez.)

It's a jolly good thing Buck's going to do 't

A Tunnel across the Bay;

There's no earthly reason, that Anthony rue it

Whatever the people say.

LAMPLIGHTER.



*Comença a festa dos fagueiros (e especialmente dos fagueiros). O Padre, o Sacerdote, o Frade e os festeiros e fagueiros adoradores!*



*Orá, na verdade, fagueiros de S. João, na cidade é mesmo uma festa! Mas como a Câmara consente!...*



*— O Santo Coronel, não come nem bebe, mas estas magníficas refeições realçam-se á sua custa. Para elles é que não ha falta de mytho, nem crise, nem nada. Bem dizem elles que o seu reino não é cá d'este mundo!...*



*Na Europa continuam as affeições da Turquia. As voltas com os resultados hézégynos, que apenas de nós serem livres, com duas toneladas de ouro...*



*É com aquelle marizpango gordinho se deita contra os reis por amor. O marizpango é que se quebra a cora em general de novo, quando se fideu para nas pombas de bruxas (de carne e osso) das melitares mortas em campanha.*

## O CORREIO DOS THEATROS

Poucas novidades: mas boas.

No Imperial Theatro D. Pedro II a phenomental companhia dos Phenomenos, que fazem as cousas mais extraordinarias.

Exemplo:

O homem que toca rabeça com os pés, de uma maneira que a gente convence-se de que—ou é elle que toca com as mãos ou são os outros rabequistas que tocam com os pés. O que ficou provado é que para tocar rabeça basta só ter pés, não é preciso ter mãos; se bem que uma observação nos deixa perplexos e é:

Os rabequistas que têm mãos e pés, tocam com as mãos e marcam o compasso com os pés; o dos phenomenos, que toca com os pés e não tem mãos, como marca o compasso?

E' uma tímida observação que offerecemos ao lyrico Huelva da Gazeta.

Outro phenomeno é o flautista sem flauta, e isto é que é verdadeiramente phenomental. Tirar sons de uma flauta, embora não se saiba, é cousa vulgar: todos os urbanos quando apitam, são flautistas; mas tirar som das mãos é caso para dar que pensar á sciencia; porque emfim, o que está evidente é que todos nós em vez de mãos temos flautas.

No theatro de S. Pedro continuam os *Estranguladores* e as polainas pretas de mestre Fraga. A Sra A. Pereira sentiu a nostalgia da scena e voltou. Ainda bem: era crime conservar fóra da scena talento tão promettedor. Parabens, parabens, parabens!!!

TINOCO JUNIOR.

## O DALTONISMO ENTRE NÓS

Uma questão preoccupa presentemente os sabios da Europa. E' a influencia que, sobre os individuos, exercem as côres. Sobre os vegetaes têm ellas acção directa, e está presentemente provado que um chuchú, submettido á luz do sol, coada por um vidro azul, cresce por tal modo que excede muitas vezes as dimensões de um melão regular!

Ao lermos os curiosos artigos, publicados na imprensa periódica de alem mar, occorreu-nos a idéa de dedicarmos algumas horas ao estudo d'este phenomeno physico; e, verdade seja dita, sem que perigue a nossa proverbial modestia, os nossos esforços foram coroados do melhor resultado.

Ainda d'esta vez não nos adiantou nada a Europa. Sobre esta parte da sciencia, estamos nós, de ha muito, mestres e mestres sabidos; e se o idioma de Camões e de Rozendo Muniz fosse conhecido na Allemanha, na Russia, na França, na Inglaterra e na Turquia, os nossos triumphos seriam cantados em todos os tons e o Brazil passaria, com razão, pelo mais adiantado paiz do Universo e *d'altri parti!*

A applicação das côres, ao desenvolvimento dos animaes, racionais e irracionais, e ao dos vegetaes, é coisa velha entre nós!

Sabemos de fonte limpa, que o redactor do *Apostolo* chegou áquellas desoladoras proporções, mediante a applicação de um systema de vidros azues, atravez dos quaes passava a luz do dia, para alumiá os aposentos em que habitava.

Eloquente prova do nosso progresso, que excede o que outros tem até aos nossos dias conseguido!

Não é para admirar que d'um *chuchú* se faça um melão; mas que de um conego se faça um balão, e um balão com murraça, breu, sebo e alcatrão, para lhe largarem fogo, é que causa pasmo; mesmo á menos pasmavel das criaturas!

O Dr Ponza e o padre Secchi, director do Observatorio do Collegio Romano, fizeram uma experiencia curiosa, sobre a influencia das côres no tratamento de certas doencas.

Viram que o azul socega, calma e dá quietação; o vermelho reanima, irrita e enfurece.

Entre nós esta theoria passou ao dominio do terreno pratico ha muitos annos.

Todas as nossas secretarias e repartições publicas têm, nas janellas e claraboias, vidros azues.

Parece que ninguem usará pôr em duvida, quanto os nossos empregados do Estado são calmos, quietos e pacificos!

Mas se ainda dissermos que, por uma inexplicavel phantasia, o Sr Sayão Lobato mandou collocar vidros vermelhos na janella de seu quarto, ficarão provadas e explicadas a um tempo as iras de S. Exc. e a influencia da luz vermelha sobre o systema nervoso!

Depois da febre amarella e a das commissões, o daltonismo é a enfermidade que mais agôita o nosso paiz.

Pôde dizer-se, sem perigo de hyperbole, que todos no Brazil soffrem, mais ou menos, da terrivel doença do sabio Dalton.

Todos sabem que o daltonismo consiste n'uma impressão falsa e viciosa, que as côres exercem sobre a retina.

Uns—veem todas as côres, com uma só côr;—outros confundem apenas algumas d'ellas!

Ora admittido o principio de que cada uma das côres tem uma acção directa e especial sobre o systema do homem; veremos que é facil conhecer a existencia do daltonismo em qualquer individuo, pela sua indole, pelo seu caracter, pelos seus actos, etc.!

Alem d'isso é reconhecida a tendencia que cada um de nós tem para gostar exclusivamente de uma côr qualquer.

Assim por exemplo, entre os diversos tons da palheta, o *Apostolo* prefere o *verde*; em quanto que, a respeito de côres, o nosso amigo Bob prefere a *parda*.

Os nossos homens notaveis principalmente, soffrem de daltonismo.

O Sr Costa Ferraz embirra em vêr tudo azul e branco.

O Sr Victor Meirelles vê tudo atravez de um prisma côr de barro cozido, enquanto que o Sr Trivez vê as suas paysagens pelas facetas de uma rica esmeralda.

O Canivete vê o mundo por um crystal violaceo, o que lhe az parecer que todos que encontra na rua se acham debaixo de uma furiosa *caravana*; em quanto que as pessoas que se habitam e seguram nas loterias da Côte, vêm tudo branco como os gelos do Himalaya.

Se não fossem os maus gostos—o que seria do amarello, diz o riffo; mas este, como todos os riffos, é falso. Em questões de gosto não ha disputas; — todas as côres têm os seus apaixonados.

Os medicos, por exemplo, gostam da *amarella*; Mile Theodora gosta do preto.

Elles e ella lá sabem os motivos.

Os desastres causados pelo daltonismo são incalculaveis e entre nós dão-se a cada momento.

Na Estrada de Ferro de D. Pedro 2º todos os empregados da linha, soffrem de daltonismo intermitente.

Para elles os pharões são todos da mesma côr. Eis ahí porque os comboyos andam, todos os dias, á marrada uns com os outros!

O daltonismo é que foi o causador do abalroamento no Tejo do couraçado inglez Raleigh, com a corveta Rainha de Portugal; foi elle tambem que motivou o choque no Hevelius, as capeiradas da corveta Nietheroy no Havre, e muitos outros choques, encontros e abalroamentos que têm occorrido nas *aguas salgadas do oceano*.

Munidos com estes dados scientificos, começamos desde logo a explorar-lhes os beneficios resultados, estudando, pela côr, a indole do homem e, vice-versa, pelo caracter do individuo a côr de sua affeição.

Tomámos por alvo de nossos estudos e experiencias um homem a quem estão confiados em parte os destinos do paiz. Queríamos saber qual era o prisma colorido pelo qual o Sr José Bento via as coisas d'este mundo.

Só assim poderíamos explicar a sua inercia, a sua incapacidade, conseguindo talvez mediante um tratamehto multicolor corrigir-lhe os defeitos administrativos.

Veria o Sr José Bento as coisas atravez de um prisma branco, azul, verde, encarnado, rôxo, amarello?

Nenhuma das côres correspondiam ás qualidades de S. Exc.

Ponza e Secchi já tinham sido mandados para o diabo, porque não nos foi possível, nem com as mais accuradas observações, descobrir qual a côr por onde o nosso ministro via a administração da pasta do imperio.

Quando já desanimados de procurar, iamos desistir das nossas pesquisas, descobrimos a incognita.

O Sr conselheiro José Bento não vê nem amarello, nem rôxo, nem encarnado, nem branco, pela simples razão de ser curto da vista.

S. Exc. não vê a distancia de dois palmos diante do nariz.

ALFREDO RIANCHO.

## CHARADAS

A decifração das tres propostas do nosso n. 366 não era difficil, e qualquer as achava. No entretanto merece, alem do premio, um abraço muito chialdo o Sr Manel Pinto, que na sua decifração mostrou que não é nenhum Manel Trinta-Botões. Lá vai a sua arenga:

Que premio mysterioso!  
Sans nom d'auteur! Um romance!  
Em decifrar tres charadas  
Vale a pena que eu me cance!

Depois gelam-se as ideias  
Em uma estação tão fria!  
Só preservativo encontro  
Na minha capa *alcovia*.

Decifrador inda novel,  
Sem grande sagacidade,  
Acho-me ante as taes charadas  
Em grande *perplexidade*!

Da noite no manto atro  
O céu se envolve. Que importa?  
Vou vê-se encontro as ideias  
Passieando pela *horta*.

Será meu o tal romance?  
Se não fór, sabham que o sinto!  
Pena será, ser vencido  
Ao estreiar

MANEL PINTO!

Seguiram-se em ordem de merito:  
A. S., Santos — J. M. M. *Cantagallo* — Caçador — S. P. —  
R. Almeida. —

Para hoje offerecemos as seguintes, cujo premio serão duas estampas coloridas finamente, devendo lembrar aos decifradores que sendo os premios do *Mosquito* objectos de algum merecimento, não são admittidas decifrações que não demonstrem algum trabalho intellectual. Quem quer que lhe guste, que lhe custe, como diz o outro.

### CHARADA I

1-2— O maior animal de raça extincta.

### CHARADA II

1-3— Gira toda a côrte, vai e não volta mais.

### CHARADA III

Foi amante infeliz prima e segunda,  
por isso terminou seus tres e quatro.  
Princesa, sua astucia foi fecunda  
e um santo immolou seu odio atro.

Typ. FLUMINENSE T. Evaristo da Veiga n. 5.



O HOMEM DE FERRO (DE PAPELÃO) E O Sr. D. JIMENEZ (DE PAPELÃO, TAMBÉM ?)

—Caramita! Picaro depois! Por Maria Santíssima! Y es precisamente un personaje sag  
 el unico batiente con quien yo podría batirme !!! (Nota: Conservamos esta figura a D. Jimenez de  
 esta Prefeitura y Barbansos por não nos ter mandado a sea. r)